

# A PATRIA

Director — Antonio Valente d'Almeida

Redacção — Rua de Santa Anna

Orgão republicano do concelho de Ovar

Publicação semanal

Administrador — Fernando Arthur Pereira

Rua das Figueiras

## ASSIGNATURAS

Em Ovar (villa), semestre.	500 réis
Para fóra da villa, continente e Africa, semestre	600 "
Brazil, semestre.	700 "
AVULSO	20 "

Propriedade da Empreza do jornal A PATRIA

## ANNUNCIOS

Primeira publicação, 40 réis a linha. Repetições, 20 réis. Permanentes e reclames, a preços convencionaes. COMUNICADOS a 50 réis a linha. Aos assignantes 25 % de abatimento.

Composição e Impressão — Typ. Silba (a vapor), Aveiro

## “A PATRIA,” NOS TRIBUNAES

### Um verdictum da justiça!

Onze horas da manhã de sabado, constituiu-se o tribunal coletivo que vae julgar-nos pelo negregado e horrendo crime... de termos sacrificado ao Dever o comodismo do silencio.

São juizes o meretissimo magistrado d'esta comarca e os ex.<sup>mos</sup> snrs. dr. Valente e José d'Almeida; acuzador official é o dignissimo delegado do ministerio publico, e nosso advogado é o nosso bom e prezado amigo, dr. Pedro Chaves.

Testemunhas de defeza a primeira depondo é o dr. Domingos Lopes Fidalgo; léu o artigo incriminado, não o considera injurioso, porquanto o pretensio corpo de delicto está absolutamente fóra do que possa considerar-se delituzo, ele, testemunha, só um receio teve com a leitura do artigo, a de supor-se, ainda que sem fundamento, o semanario *A Patria* denunciante. Não ha criminalidade alguma na local, inversamente, ela deveria colocar as autoridades na colizão obrigada de, pela sua informação, procederem judicialmente contra os violadores da lei, esses mesmos que nos acuzam.

Remata com penhorantes e obsequiozas palavras para o director d'este jornal, seguindo-se-lhe na defeza o ex.<sup>mo</sup> snr. dr. Antonio dos Santos Sobreira.

A local porque *A Patria* responde no tribunal d'esta comarca, essa local, nunca lhe veio á mente que teria de ser considerada materia crime.

Leu-a no momento da publicação, deu-se ao cuidado de relel-a pouco antes de ter, como testemunha, de pronunciar-se sobre o assunto. E' uma noticia sobre factos, que critica, direito sagrado do jornalista, em cazos, como os que a determinaram, seu dever expresso. Como ataque, como critica, está porem lonje, muito lonje, de revestir aquelas fórmulas e expressões de violencia que, ás vezes, podem explicar a intervenção das justicias. Pagnas jornalisticas, inquestionavelmente muito mais aeres, se feriram em Ovar, muitas outras vezes, nunca determinando a intervenção dos tribunaes. Aquilo por que responde o director de *A Patria* nada tem de injurioso, ofensa alguma contem, é uma apreciação de

ocorrença destituida de culpabilidade.

Terceira testemunha é o nosso estimado e digno amigo, de Valega, Pereira e Pinho. Interrogado pela defeza sobre o conhecimento dos factos que serviram de tema á acuzação, determina-se incidente com a acuzação e, para resolvel-o, é a audiencia suspensa por uns momentos.

Reaberta, e prescendidas as restantes testemunhas, entra-se logo nos debates.

O Digno Delegado do Ministerio Publico, em breves considerações e prestando homenagem ao tribunal julgador, pede a sacramental condenação do reu, finalisa.

Concedida então a palavra começa a defeza da nossa causa.

Haverá quem nos julgue suspeito, e quem assegure o nosso parecer, agora, viciado pelas relações que nos permu-tamos, de amizade superior. E' o mesmo. A juizo de todos: amigos, indiferentes, adversarios, a defeza que de nós foi feita foi completa, calorosa, cerrada, viva, e triunfadóra na sua argumentação jurista, brilhante e elevada em toda a sua fórmula e no seu conjuncto. Todas as pessoas que ali estiveram no tribunal ouvindo-o o testemunham, de facto, a defeza constituiu data e marcou sucesso, pelo seu valor, na sala das audiencias vareiras.

Para nós foi a dezafronta vitorioza, justa; para o nosso illustre defensor foi um triumpho dos que se não esquecem, porque venceu fundo nas consciencias, e penetrou alto nos espiritos. Para o tribunal, para aquela sala onde juizes e assistentes todos julgavam, a palavra serena, verdadeira, apaixonada e viva, mas elevada, do nosso advogado, foram uma significação e um ezeemplo, um desagravo e satisfação consiente.

Mas, apagadas, são as nossas palavras de impressão sentida; demos o logar ao nosso querido defensor:

Afastado ha annos d'este logar para mim tão honroso e que, infelizmente, nunca pude honrar, não é sem alvoroço e alegria que hoje volto a occupá-lo.

Convidado a encarregar-me da defeza d'esta cauza, bem conheci que se não procurava a competencia, dirigindo-se ao mais obscuro e incompetente dos advogados d'esta comarca.

Não foi sem hesitações que eu accedi ao honroso convite; não pela importancia do supposito delicto porque, se algum delicto existisse, ella seria minima, mas pela magnitude da cauza porque se são grandes todas as luctas que pela Liberdade se

sustentam, maiores são as que se ferem por a Liberdade das liberdades, por a sua mais perfeita e respeitavel encarnação — a Liberdade de pensamento.

Ora o presente processo representa precisamente um ataque á Liberdade de pensamento porque, precisamente na manifestação do pensamento é que reside essa liberdade. Seria pueril que me concedem o direito de pensar, sem todavia manifestar o meu pensamento; não, esse direito concedo-o eu a mim mesmo.

Mas eu não podia deixar de corresponder á gentileza do convite e as hesitações que, devidas ao reconhecimento da minha incompetencia me assaltavam, depressa se dissiparam ante a consciencia de um dever indeclinavel a cumprir e ao recordar que não ha incompetencia que vele a luz fulgurante da Verdade e da Justiça, como não ha massa de nuvens por mais compacta, por mais pesada e prenhe d'agua que não deixe coar-se a luz que do sol immanha; ao recordar que se a luz do sol é vencida por as trevas da noite, a luz da Verdade rasga todas as trevas, diaphanisa todas as opacidades, vence todos os obstaculos e illumina todos os espiritos.

E' por isso que d'este logar onde hoje devia desferir seus vãos a aguia da eloquencia, onde devia soltar seus trilos o rouxinol, apenas voltigêa o morcego e pia tristemente o mocho. Mas como no concerto harmonioso da natureza nada destôa e o aparentemente inutil tem sempre o valôr de fazer resaltar os contrastes, assim no concerto social nada é inutil, mórmente quando, como no caso presente, é um humilde mas devotado soldado que vem conscientemente offerecer o seu amor proprio em holocausto á cauza santa da Liberdade.

Mas, meus senhores, o que n'este processo preoccupa não é a supposta offensa á figura russissima e apagada d'uma supposta auctoridade que poderia ser uma conquista popular e uma defensora das suas regalias, mas que tal como é na realidade do norte ao sul do paiz, não passa d'um manequim eleitoral nas mãos de qualquer influencia politica. O que preoccupa é a doença geral de que este processo é um leve e aparentemente inoffensivo symptoma. Portanto a minha missão não é só combater o symptoma mas principalmente diagnosticar a doença.

Quando — para usar um vulgar logar commum — o velho leão dos mares — Portugal — julgou cumprida a sua missão historica, descobrindo e conquistando o mundo, e deixou ás outras nações os despojos riquissimos das suas conquistas reservando-se apenas os louros das suas victorias, quando, conscio da sua força se julgou inatacavel, veio repousar suas fadigas n'este leito suave, armado no extremo occidente da Europa, sob o ceu azul, reclinando a cabeça nos montes abruptos de Traz-os-Montes e deixando que no Al-

garve lhe lambesse os pés e lhe cantasse melopêas para o adormecer o mar que elle avassalára e agora escravo submisso o rodeava e acariciava.

Cedendo á fadiga, adormeceu e tão profundamente que os abutres que pairavam sobre elle o suppozeram morto e o quizeram devorar; mas o velho leão ergue-se de um salto, eriça a juba, meneia a cauda e produz um rugido. Confiado cada vez mais na sua força adormece novamente e tão prolongado foi esse somno que os membros foram-se-lhe tornando laços, o vigôr foi diminuindo, o cerebro enfraquecendo, sem que elle, no seu eterno somno, de tal se apercebesse.

E os abutres pairando sempre. Quando a aguia napoleonica de garra adunca e bico aberto sobre elle se lançou já o velho decrepito necessitou do auxilio do leopardo britannico que com os seus despojos se alimentára, crescerá e medrará.

D'ahi em deante sempre somnolento, não pode todavia gosar mais aquelle somno profundo da mocidade; tem-n'o sempre interrompido, a pequenos intervallos. E de cada vez que accorda e se move, vae produzindo rugidos, as luctas liberaes, a Patuleia, a Maria da Fonte.

Até que um dia accorda em sobresalto; o leopardo que sempre o acompanhava com a mira nos despojos, vendo-se novo e forte e attentando na decrepitude do velho leão, vergastou-lhe a face com a cauda e abocanhou um pedaço do proprio leão; foi em 1890.

Elle rugiu, quiz levantar-se, lutar; mas era tal a teia que sobre elle haviam formado que os seus esforços resultaram impotentes; foi em 31 de janeiro de 1891.

Cahiu, mas não adormeceu mais.

E esse seu derradeiro esforço foi-lhe duplamente prejudicial: pelo seu mallôgro e porque preveniu as legiões de parasitas que lhe cobriam o corpo de que elle não era ainda um cadaver, isto é, acautellou-as.

Desde então elle trabalha para revigorar suas forças; e d'esse trabalho que se chama a iniciativa individual tem vindo morosamente, mas seguramente, o renascimento da sua industria, o progresso da sua agricultura e o desejo ardente de se instruir.

Mas tudo isto, repito, morosamente, porque os parasitas comprehendendo a necessidade de novos processos, principiam á semelhança do Bombyx moir, tecendo com fios tenuissimos de sêda um casulo forte em que abrigassem e prendessem os movimentos ao velho leão.

Ousadamente vão reforçando esses fios. Começaram por a centralização administrativa, por o euphemismo a que chamam engrandecimento do poder real, mantêm cuidadosamente o embrutecimento pela falta de instrução, até que de mentira em mentira, d'euphemismo em euphemismo, desde o roubo de votos ao vulgar roubo de dinheiro, atravez de todas as indignida-

des, produzem um monstro juridico a que revoltantemente e como suprema mentira chamam — Lei de liberdade de imprensa — de 11 d'abril de 1907. Tenho-a aqui. Li-a. E em consciencia afirmo que em Portugal não ha lei reguladóra da liberdade de imprensa. Ha apenas uma lei *oppressora da liberdade de imprensa*.

E é isto, este farrapo juridico, que todos os partidos politicos reprovam e que o actual presidente do conselho anathematisou, que ainda hoje ha-de ser aqui resolvida e compulsada. Assim seja. Vamos a isso. E que ao menos se lhe não augmente o odioso ampliando as suas disposições, ampliando os seus erros, tornando-a mais oppressora.

Vou, por dever d'officio, mergulhar n'ella as mãos e porque tenho de divergir profundamente do caminho trilhado por o snr. dr. Delegado eu quero significar primeiro a sua ex.<sup>a</sup> muito claramente a muita consideração que me merece, e afirmar que calculo bem quanto o seu espirito liberal sangrou ao requerer a applicação d'uma lei liberticida, quanto o seu espirito de justiça soffreu quando obedecia ao austero principio latino — *dura lex, sed lex*. E' um duro espinho que sua ex.<sup>a</sup> calçou na sua carreira de magistrado, que não é — eu sei-o — isempta de abrolhos.

Folheando o processo vê-se bem quanta repugnancia elle lhe inspirava, tal e tanta que lhe enevoou a lucidez de espirito e o levou a preterir formalidades essenciaes de tal fórmula que a sua omissão annulla fundamentalmente o processo.

Não eziste corpo de delicto, o que está processado está insanavelmente nulo. Nula é a petição, pois que faltando ás disposições legaes não está articulada, o que alteia portanto um ato substancial e essencial do processo; nula e ilegitima é a promoção pelo ministerio publico, da querela contra o seu constituinte, pois no processo não ha a mais leve prova da qualidade legal d'auctoridade que se arroga o pretensio ofendido, tudo, juridicamente, n'esta questão, não tem defeza, não tem legitimidade, é inane.

Um rejedor (admitindo que o seja este, que sem prova nenhuma o afirma ser) não é ajente da autoridade, é magistrado, administrativo, o que põe n'uma situação insustentavel a acuzação. A lei é expressa, rigorosa n'esse sentido, e o julgador ao espirito, ao rigor da lei deverá cinjir-se.

No corpo de delicto não estão verificados os elementos constituidos do crime d'injuria que motivou ou serviu de pretexto á querella contra *A Patria*, e que são: — *ofensa directa e intencional, cometida por palavras, ameaças ou actos offensivos das autoridades*, não ha isso, de modo algum, no mero trabalho de reportagem e critica que foi a noticia incriminada.

Houvessem mesmo demazias de linguagem escrita, que teriam sido julgadas bem legitimas n'um cazo em que havia o

desejo de ser útil á causa social, n'um caso em que era um dever verberarem-se entidades dignas de castigo.

Mas não houve offensa, não ha delicto, não constitue crime, em modo nenhum, sob fórma alguma do direito, a noticia que mereceu as perseguições mizerandas.

Ataques mais rudes, mais violentos tem-os sustentado este mesmo jornal, contra autoridades, entre outras, contra o sr. administrador do concelho, que ali está presente, como julgador.

A proposito de factos muito semelhantes, a proposito da jogatina no Furadouro, quando *A Patria* combatendo esse atentado ás leis, se referiu asperamente, com violencia a essa autoridade. E todavia o sr. administrador não se entendeu diminuído por um ataque que se era rude, era leal e era justo; todavia, sua ex.<sup>a</sup> não arrastou o jornal que o seu subordinado diz tel-o agravado, aos tribunaes, não o fez como homem de honra, pois não o fez, com mais queixas do que as do seu inferior.

Não, nas frases incriminadas, o olhar mais tendencioso e mais arguto, a vontade mais prevenida, nada encontram que constitua delicto, o processo tem nulidade insanável, mas quando fôsse realmente ofendido com direito a reparação legal o queixoso, quando assim fôsse, não é pelo crime d'injúria que teria de responder; nas frases apontadas como crime, se não fôsem verdadeiras, o que podia haver, então, provada a falsidade do que estava escrito, era o delicto de difamação.

O tribunal é incompetente porque se se admitisse o facto d'haver crime só o de difamação poderia haver—cazo em que o julgamento compete ao jury.

Mas o que sobretudo é evidente e principio comezinho e expresso de direito é que a deficiência e irregularidade do corpo de delicto correspondem á sua falta e esta nulidade é insanável.

#### MEUS SENHORES:

O fallecido e considerado juriconsulto Barbosa de Magalhães reclamava como essencial para a tribuna da imprensa as maiores liberdades, como gosa a tribuna parlamentar, direito de discutir as leis e instituições, de livre critica d'acção politica, administrativa, fiscal, judicial, financeira, de todos os órgãos e agentes dos poderes do Estado.

São estes os são principios a que fatalmente e brevemente se ha-de chegar sem que os detenha a perseguição á imprensa e a multiplicação das condemnações, porque nada ha que possa deter a Liberdade mais do que uns leves e fugazes momentos. E sabeis porquê? Porque a Liberdade é uma força natural.

E assim como a engenharia não detem os refluxos das marés mas apenas os desvia, assim como o paredão póde desviar mas não detem a marcha do vento, assim como o pára-raios desvia mas não suspende a fiação que cahe, assim o esforço humano não póde deter, mas apenas regular a marcha da Liberdade. Pôr-lhe obstaculos e obrigar-a a refluir, a engrossar para conseguir pela força o que serenamente quer e póde obter.

As condemnações são portanto, além d'iniquas n'este caso, também inuteis.

A Liberdade é um rio.

Decorre serena e mansamente por entre as margens n'uma planicie, e sem obstaculos. E' então um lindo Vouga, um poetico Mondego, um magestoso Tejo. Sahe do seu leito brandamente, não para destruir mas para fecundar, depositando seus nateiros nos campos que os margem.

Murmura então lindas canções d'amôr, de paz, de trabalho.

Mas se o rio corre entre gargantas apertadas, em fundo pedregoso, com bruscas desnivelagens, essas canções d'amôr transformam-se em rancos de desespero, em hymnos d'odio cujo vozear se ouve ao longe.

E o rio em vez de correr sereno e limpido, revolta-se, escachôa, salta, vence os obstaculos, derruba-os e lá vae seguindo seu curso em frêmitos nervosos.

Se se lança fóra das suas margens, não vae fecundar, vae destruir, arrastando tudo, despedaçando tudo.

Mas afinal, sereno ou rumoroso, tranquillo ou revoltado, lá vae fatalmente, necessariamente, lançar-se no oceano immenso, que o recebe no seu seio como filho bem amado.

Não devemos nunca praticar um acto de perseguição inutil; manda-o o bom senso e a humanidade.

Mas uma perseguição sobre inutil, injusta, manda imperiosamente a lei e o cerebro que se não faça.

Nem vos peço a absolvição do accusado, nem vos peço justiça.

Não peço a absolvição porque só os favôres se pedem, não vos peço justiça, porque não vos quero fazer a offensa de vos suppôr capazes de a não fazer.

Quero apenas dizer-vos que esperando que justiça se faça e o accusado, seja absolvido, sou eu que faço justiça ás vossas intelligencias e aos vossos caracteres.

Finda a defeza com este bello pedaço de eloquencia, o tribunal recolheu para deliberar. Num momento escoa-se a sala das audiencias, de paredes nuas e rijidas, e encontramos nos no atrio do edificio da camara a

esperar a decisão do tribunal.

Comprimenta-se de todos os lados o dr. Chaves, todos falam da sua defeza brilhante, todos a louvam, destacando a para a sua devida eminencia.

O tempo vae passando e larguissimo pedaço se impacientam os insofridos. Por fim um rumor anuncia-nos que vae sêr lida a sentença. Tudo acorre, a vez derradeira, toma o salão das justicas; e feito o silencio, numa voz baixa que nos chega moribunda ao pavilhão dos ouvidos, lê o majistrado o accordo com a sentença. A falta de espaço, força-nos a não a publicar; o tribunal, por unanimidade, atendendo ás faltas constitutivas do processo, manda-o anular, absolvendo o reu. Da sentença que em todos os assistentes provocou demonstrações de prazer, apelou o digno agente do ministerio publico nesta comarca.

Estava finda a jornada.

O soba de Valega errava desta vez o tiro, tinha de retirar com a sua matilha corrido e assobiado do assalto.

E' que ha juizes, ainda, e, felizmente para a dignidade da toga portugueza, sem sêr de obriga ir achal-os a Berlim.

## ECOS DA SEMANA

### Era nova...

No falazar dos politicos affectos á situação governamental transearente, estamos, com Teixeira de Souza na governança, talqualmente como o mussulmano que alcançou as nascentes dos rios celicos—em verdadeiro ambiente de felicidade. Felicidade tal que exportando lerias para o *Matin*, «panés á la caisse», um amanuense qualquer da direcção jeral da instrução publica, disfarçado em jornalista francez, se lembra de afirmar que o advento da nova situação constitue uma data historica nos destinos da nacionalidade, uma especie de 1820 de talhe novo.

Cá dentro ninguem deu por tal, os do sul entretidos com as debilhas que correm soberbas, e os de cá do norte com as redras, que por ora os milhos as pedem como se pede pão para a boca. Mas hade ter razão o hominho, *franciu* se calhar como sem manga d'alpaca da Aracada, hade ter razão, pois que duvida.

Está ahi uma era nova, que não ha nada mais velho; está de novo em função o binomio... do rotativismo.

### União

Sendo unidos sereis fortes, cremos que foi o Ecleeziartes quem despejou esta sentença sobre a familia monarchica — a

ferro e fogo dividida, por altas questões de razão. Assim é, e justamente por isso se vão conluar, onde quer que os republicanos ameacem rompêr o côro dos compadres, contra os candidatos republicanos as forças todas da monarchia. Prezide em Lisboa, a essa união curiozissima, o homem de jenio entourido a que em palacio chamam o *grand-savant* e que agora deu, como grandissimo Wenceslau de Lima, no papel simpatico e prestadio de Nossa Senhora do Acordo.

Todos unidos á roda do trono, firmando-o com os espeques dos *adeantamentos, questão Hinton, Credito Predial* — não póde vêr-se nada mais comovente.

Juntinhos, para a pontaria lhes dar em cheio.

### Dezercões

Segundo contam *As Novidades*, é um nunca acabar o numero de filiações, no partido, de rejeneradores filhos prodigos que a sereia Campos Henriques havia arrastado com a sua labia.

Devem dizer a verdade *As Novidades*, porquanto monstruoso seria, e contra todas as contas, que de Teixeira de Souza continuassem esgueirando-se os fieis em cata da capelania do outro Papa.

Quem dá é tio, e como só póde dar quem governa, o sr. Teixeira de Souza não lhe faltam as adeções de ex-amigos e ex-soldados do antigo *Lirio Pendente*. Se ao trambulhão que já o espreita, succeder, por bamburrio, que como contra panca da ascenda Campos Henriques, verá então o seu rival vencido de hoje, vencedor, tendo atrelado ao seu carro as fidelidades, as dedicações, os ex-votos... teixeiristas.

E' uma questão de sol que nasce e sol que declina: ninguem quer o frio... da opposição.

### Perseguições

E' como se chama em latino catolico a tudo quanto, de perto ou de longe, cheire a sacudir o poder civil a tutoria da Igreja. Dá-se agora o cazo de, em Espanha, pelas mãos devotas de Afonso XIII, passarem assinados alguns decretos que, não diminuindo em couza alguma a liberdade e os direitos dos catolicos, lhes equipara, um tanto, as suas victimas d'outr'ora; e basta isso para que todo o clericalismo espanhol levante um alarido doido, como de quem se sente agarrado pelas pontas, numa pega destemida e teza.

Os nossos catolicos ponham os olhos ali, e vão tratando de molhar as barbas, não se esquecendo que é em plena monarchia afonsina—o seu bijou—que a sociedade espanhola parece dar os primeiros passos, seguros, na subida da Emancipação.

Sob o reinado de Afonso XIII far-se-ha, talvez, em Es-

panha, tanto como poderia fazer-se em era republicana, de modo que a vantajem para a Igreja, em certas circunstancias, d'uma monarchia sobre uma republica, póde ser a mesma do coelho da anedocta, convidado a escolher qual melhor lhe agradaria; o ser guizado na caçarola ou o ser assado no forno.

### "Pão Nosso"

Está publicado o n.º 11 deste pamfletto de Padua Corrêa, cujo sumario é: — *A papiza Joanna de Beja, Uma sombra de gente, Imprensa neutra, O bodo da liberdade.*

Como os precedentes, este é um rijo, contundente, e magnifico trabalho de critica demolidora.

### Comícios

Foi verdadeiramente grandiozo, é o termo, o comicio de domingo, em Lisboa. Aquele admiravel povo, apesar da torreia canicular, em longas, interminaveis filas de cidadãos, acorreu a levar ao protesto dos corpos dirijentes do partido republicano, com a sua presença a adeção leal e completa do seu voto e da sua aspiração intima. Raras vezes massa humana tão disciplinada, tão educada num alto espirito de sacrificio, homens chamados chefes terão tido a dirijir; o nosso povo, aqueles verdadeiros cidadãos lisboenses, o tem provado em exemplos e em lições historicas de raro cunho. O que é preciso é os dirijentes, em todos os lances e em todas as circunstancias, manterem-se á altura de serem dignos, inteiramente, das vontades, da fé, dos sacrificios que vigorosamente os erguem sobre as espadas.

### Obrigado

Com motivo na sentença do tribunal que anulou o processo contra nós em juizo, amigos, correligionarios e adversarios politicos que são pessoalmente cavalheiros que estimamos, nos tem felicitado; de viva voz, por carta, pelo telegrafo.

A todos, com os protestos da nossa muita consideração, o agradecimento com que registamos os seus penhorantes comprimimentos.

## Um artigo do "Times,"

Causou justa impressão, porque é um expressivo sintoma da maneira nova de vêr que se vaé operando no estrangeiro, um artigo notavel que, ha dias, o grande diario londrino, o *Times*, publicou sobre Portugal, a proposito dos escandalos politicos dos ultimos tempos, os casos Hinton e Credito Predial.

Nesse artigo, em que se faz

## (2) Folhetim

Sialho d'Almeida

# CEIFEIROS

Ainda hontem me succedeu, por encargos de lavrador pequeno, que tem ele mesmo de ser vigia e feitor da sua faina, n'uma herdadola patrimonial conferir de fresco o quadro das ceifas, tão familiar das minhas reminiscencias antigas de camponio. Fomos ao entreluzir da manhã, nos carros de carregio, puxados a mulas, atravessando uma bacia de vinhas e figueiras, unico oazis onde a pupila inda logra topar sua nota de côr hilariante. Essa bacia pequena, e logo carregos curtidados no desfiladeiro da serra, entre talhadas de schistos e calcaeos, zambujeiros anões, pereiras e amendoiras bravas do mato, tra-

vez dos quaes o carro alemtejano, de fueiros d'azinho e limões monstruosos, como na Biblia, ia aos solavancos, estrepindo a ferraria dos rodados, sob as pragas do carregio quasi nú que se sentára na canga para obrigar a parelha a trepar lentamente o ladeirame. Começava por li a zona das herdades, com a avançada das grandes florestas d'azinho e de cortiça—da cortiça que é, como a vinha, a segunda senão talvez a primeira riqueza rustica do paiz. Quatro horas da manhã: um halito sem temperatura, insensível á pele, corre entre aservas bravas dos ponsios, troviscos verdes, rosmaninhas, malmequeres já secos e mirrados, cardos heraldicos, em flôr, estevas rejinozas, bisnagas, piomos, tojos, e perpetuas selvagens que parecem de seda e derramam na selva um cheiro de tabernauculo.

A cada instante, d'estas vegetações malditas, sacudidas, cardu-

mes de borboletas pretas turbilhónam; o horizonte está turvo como d'uma fumarada d'incendio, que ficasse no ar, sem ventos dominantes; e nas azinheiras, melros novos, calhandras gordas, rolas d'Africa, cotovias fazendo apelo em quatro ou cinco trilos, algum retardatario rouxinol cujos pequenos ainda não teem força de voar prós climas frescos, tudo isso chilrea em pequenas series de trenos casquinados, onde ha já todavia o mal estar dos pulmões anunciando um d'esses horrozos calores que pulverizam rochas, e enchem a solidão de maleficios.

Certo, ainda não ha propriamente calma aquella hora, mas o ar está rarefeito, a narina resfolga—perla do tronco um lento suor d'iania anemica, as sombras das arvores parecem, de roda dos troncos, pedaços de chão queimado; e quando do oriente o sol rebenta, como uma gema d'ovo, vermelha,

deformada em oval, sem difusão de raios nem purpuras d'aurora, subito, uma calada faz-se na savana, e sente-se pezar o quer que é d'um começo de febre pernicioso.

Paizajens d'uma orgulhosa e rude majestade, feitos de claro escuro a mais não selvaticos e trajicos!

Cinco planos distintos: ceara seca ou restolhos, com roleiros de mólhos no primeiro, onde a cabelejem dos machuqueiros novos, já tortos da ventania d'inverno, faz como especies de figuras maniacas, perorando, uns ás carreiras pela encosta, erguendo os braços estes, caindo aqueles alem, na escarpa d'um barranco; no segundo plano, mamelões de mato verde bronze, mostrando ravinas, como membros d'animaes deitados, e um ou outro laivo ou raia amarela de tojo sobre o dorso: depois o terceiro, azul esfumado, azul pardo, sem diafinidades nem nimbos, com manchas

de rosa seca, das terras limpas, e casalitas alvejando á sombra de alguma mancha vaga d'arvores; apoz, no plano quarto, cristas de serra em semicirculos de panos cenograficos, coisas perdidas nos esforços que a pupila faz pra se adaptar a esse raio vizual de tantas leguas: e enfim, no quinto plano, hipotetico, cordilheiras que pódem sêr nuvens, e lá longe, longe, muito longe, levantam a cabeça para espreitar por traz das camaradas.

Toda esta coisa confusa, abrangida d'um comoro, escarvoada a traços de jigante, faz sua sequencia de linhas fortificadas e concentricas, que cada vez cinje mais perto o ambito da ceara, fechando o ar, cerzindo o mundo e os rumores do largo á asfixia torrida dos ceifeiros.

(Continúa)

uma critica ezata e feliz dos diversos partidos monarchicos que furiosamente disputam o mando, ha passajens, realmente perfectas, que mostram nos observadores extranhos que seguem a marcha dos negocios publicos no nosso paiz, de par com um tino de apreciação certa, uma vista de conjunto segura.

O escandalo do Credito Predial é tractado nesse artigo do *Times*, com uma veracidade flagrante, e, sem reffolhos, a politica nociva do rotativismo é escarpelizada duramente.

Desse artigo, inhibidos por ezijencias de espaço de o transcrevermos na integra, extractamos o que se segue, que é tambem o mais interessante:

Os escandalos são o pão quotidiano da politica portugueza, e a opposição revelou tantos que chegam para mezes. Mas o do Credito Predial, que alarmou a opinião publica, saltou por cima de todos ellez. É um escandalo gigantesco, cujos comparsas são parcialmente atingidos, mas de que o principal responsavel é o summo sacerdote e encarnação do rotativismo, que fazia e desfazia ministerios, o proprio snr. Luciano de Castro. Por uma d'essas convenções que suavizavam a vida politica para os rotativistas, o primeiro ministro que abandonava o poder passava a ser governador do estabelecimento financeiro conhecido por Credito Predial. Naturalmente, uma instituição em taes condições gozava de todos os favores do Estado. Tinha varios privilegios, entre os quaes o do direito exclusivo e de emitir obrigações chamadas prediaes, no valor correspondente ás importancias que emprestava sob a hypotheca de bens de raiz.

Foi uma poderosa corporação, com um capital emitido de 1.800:000 libras, embora, infelizmente para accionistas e obrigacionistas, d'essa somma appareçam como pagas 214:000 libras. O snr. Luciano de Castro rotativou para o governo, em 1897, segundo a habitual rotina, e achou-o tanto a seu gosto que derogou a velha pratica, e lá se conservou desde então. Toda a casta de irregularidades administrativas tem agora vindo á luz. Diz-se que as contas tem sido falsificadas, e deu-se pela existencia de um grande deficit.

É difficil prever os effeitos d'este descabro na situação politica. Ha paizes em que os tribunales poderiam desvendar os misterios e as iniquidades, desmascarar os verdadeiros criminosos e infligir lhes castigo proporcionado ao delicto. N'esses paizes, a ideia de que quaesquer politicos, tendo cumplicidade n'um d'estes desastres financeiros, pudessem voltar a exercer um alto cargo, seria immediatamente repellido. Os politicos suspeitos de fraude ficariam, financeira e socialmente, tão arruinados como na sua vida publica. Mas estes não são paizes rotativistas, nem sequer onde o rotativismo seja possivel. Os negocios portuguezes não podem ser apreciados sob a mesma bitola. Em Portugal, os tribunales estão muito sujeitos ao poder executivo, e só ultimamente é que o snr. Luciano de Castro renunciou ás suas funções no Supremo Tribunal Administrativo. Em taes circumstancias, nunca a opinião publica acredita na imparcial administração da justiça e no devido respeito á lei.

A corrupção geral dos politicos profissionaes é de todos reconhecida. A magnitude do caso presente é tal, que lhe torna incerto o desfecho. O grande numero de victimas e o grave prejuizo soffrido leva-os a um estado de exaspero que nenhum politico poderá acalmar. Os homens que poderiam julgar o governador nos tribunales ordinarios são collegas e creaturas d'elle. Quasi todos os altos funcionarios do Estado, quer civis,

quer militares, estão envolvidos no Credito e nos seus negocios. A critica dos factos no parlamento tem sido feita pelos republicanos. A opposição regular tem sido tão branda como se fosse feita pelos proprios companheiros do sr. Luciano de Castro nas cadeiras governamentaes. Chegou a aventar-se que o Estado deveria saldar o dividendo do banco fallido. Accionistas e obrigacionistas, desesperando da justiça, dão mal á sua vida pela perda do seu dinheiro.

O rotativismo póde continuar no seu caminho. Por quanto tempo? Cada revelação dos seus processos é um novo augmento da agua para o diluvio que os ha de afundar, ou, melhor do que isso, arrebatado para longe. O desastre póde ainda ser evitado, porque as massas populares são pacientes, trabalhadoras, leaes; mas só por meio de reformas se poderá desviar esse perigo. No meio da corrupção publica vae crescendo o republicanismo, cujos chefes aproveitam as iniquidades e as loucuras dos rotativistas para minar as instituições fundamentaes do Estado.

Assim fala o grande jornal londrino, analizando superiormente a situação portugueza, e os escandalos politicos dos partidos monarchicos portuguezes. São verdades como punhos, que muito devem ter feito meditar algum monarchico sincero e intelijente, que, por excepção, ainda se encontre por ahí. O que, porem, é menos ezato na apreciação do grande jornal inglez, é dizer-se que os chefes republicanos teem sabido aproveitar as coizas para minarem o existente. Não é tanto assim; ainda que pareça paradoxal lá fora, em Portugal toda a jente sabe que os mais furiosos aluidores do trono são os monarchicos; e os mesmos são os mais fervorosos obreiros da republica de amanhã.

Esse favor se lhes deve...

## O INTERMEZZO

(TRADUÇÃO LIVRE)

XVI

Como Venus, emergindo das ondas escumantes, a minha bem amada irradia em todo o esplendor da sua beleza, porque é hoje o seu dia de nupcias.

Meu coração, meu coração, tu que és tão paciente não lhes fiques com rancôr por esta traição; suporta a dor, suporta e perdoa por mais mal que a adorada louquinha te tenha feito.

XVII

Não te quero mal e se se espedaça o meu coração, ó minha amada para todo o sempre perdida, eu não te quero nem mal nem dor. Tu esplendes com todo o fausto do vestido nupcial, mas nenhum raio dos teus diamantes cáe, piedozamente, na noite do teu coração soturno.

Sei-o ha imenso tempo. Eu avistei-te, outrora, em sonhos, e fitei a treva que enche a tua alma e as viboras que coleiam por essa noite interior. E eu descobri, minha bem amada, como, secretamente, tu és infeliz.

XVIII

Sim, tu és desgraçada e eu não rejubilo com isso; minha bem amada, ambos nós teremos de sêr desgraçados; até que a morte quebre os nossos corações teremos de sêr infelizes.

Eu vejo bem o motejo que afflora aos teus labios, eu percebo a chama insolente que anima os teus olhos, eu ouço o orgulho que entumescce o teu peito, e todavia eu afirmo-te: és tão desventurada como eu sou.

Um sofrimento imperceptivel palpita nos teus labios, contraindo-os, uma lagrima bem escondida empana o fulgor do teu olhar, uma chaga secreta roe o teu peito cheio de orgulho: minha queridissima bem amada havemos de sêr, nós ambos, desventurados.

XIX

Ou terás tu inteiramente esquecido que bastante tempo eu fui senhor do teu coração, do teu coraçãozinho tão doce, tão falso e tão miudinho, que coiza alguma no mundo ha mais falsa e mais miudinha?

Ou terás, assim, esquecido o amor e magua que me oprimiam ao mesmo tempo o coração? . . . Oh! eu não lembro se o amor era mais forte que a magua, o que sei é que ambos eram muito grandes, muito sentidos.

HENRIQUE HEINE.

## Chronica agricola

LXIX

A antrachnose

Mais um flagelo de videira e que não é dos que menos a affligem entre os inumeros que a atacam.

Ha 3 especies d'antrachnose —*maculada, pontuada e deformante*.

Como estas ultimas são pouco vulgares e prejudiciaes, fallarei só da primeira, tambem conhecida por *perneira, tabardilho, burgo* e até com uma certa propriedade lhe chamavam em França—a *variola da vinha*.

A videira só é atacada por esta doenca nas partes verdes e emquanto a vara está no estado herbaceo; logo que *atempa*, isto é, que se lenhifica cessa o perigo do ataque.

Nos ramos apparecem umas pequenas manchas escuras, que a principio só com difficuldade se descobrem, mas que se vão tornando cada vez mais carregadas, vão penetrando no interior dos ramos e destruindo os tecidos.

Em geral a chaga que a doenca fórma vae crescendo no sentido do comprimento do ramo e chega a penetrar até á medula. Os bordos da chaga, de côr violacea apresentam o aspecto de borrelétes.

Claro está que estas varas se tornam quebradiças, estalando ao menor golpe de vento ou á menor pressão.

Nas folhas apresenta a antrachnose umas manchas irregulares, orladas d'uma côr violacea de mau aspecto.

Se ataca os peciolos, as folhas cahem; se o ataque se dá nos cachos, provoca o desavinho.

Vê-se pois até onde póde ir a importancia dos seus prejuizos que podem aggravar re por inutilisar a póda do anno futuro.

Tambem apparecem as suas manchas nos bagos já formados, tendo a fórma circular;

são tambem sempre cercadas d'uma aureola negra.

O que caracteriza bem a antrachnose é o originar ulceras que vão roendo os tecidos; é um verdadeiro cancro.

É esta doenca causada por um parasita vegetal, um tortulho microscopico (*Glocosporium ampelophagum*) que como todos os outros parasitas vegetaes encontra as melhores condições da sua existencia no tempo humido e quente.

O remedio mais efficaz contra a antrachnose é o feito no inverno; é então que se podem fazer tratamentos mais radicaes, destruindo os taes tortulhos que ainda estão nas feridas.

O primeiro cuidado a tomar é o de logo que pódam as videiras atacadas queimar as varas e todos os bocados que de ella saiam.

Trata-se depois por uma solução concentrada de *sulphato de ferro a 50 por 100*, isto é, 50 kilos de sulphato para 100 litros d'agua.

El como alguém póde achar esta solução muito corrosiva, direi que está hoje aconselhado augmentar re ainda a sua acção corrosiva juntando-lhe um litro d'acido sulfurico a 53.° (*Baumé*). Para se preparar deita se o litro nos 50 kilos de sulphato, dissolvendo-o em seguida em 100 litros d'agua quente que se vae mexendo sempre e que se empregam antes de completamente frios.

Esfregam-se as cepas com um pincel feito de trapos atados a um pau com um fio, e sem aro de ferro porque ficaria logo roído. *Não haja receio de que essa solução prejudique a vegetação*.

Como é applicado antes da rebentação póde molhar-se os olhos das videiras que lhe não causa o menor prejuizo.

O que é preciso é que fique tudo bem molhado.

Como tratamento curativo durante a vegetação aconselha-se o emprego da mistura de cal e enxofre e ha até casos em que só a cal gorda produziu excellentes resultados.

\*\*\*

## NOTICIARIO

Dia a Dia

Passa o seu anniversario natalicio no dia 9 o nosso querido amigo Antonio Valente d'Almeida, director d'este semanario.

Felicitamol-o n'um cordeal amplexo.

— Tambem faz annos no mesmo dia a snr.<sup>a</sup> D. Maria Eduarda Ferraz de Liz, esposa do digno escrivão de direito, snr. Antonio Augusto Freire de Liz.

As nossas felicitações.

— Incommodada de saude, encontra-se n'esta villa, onde ha dias chegou de Guimarães, a snr.<sup>a</sup> D. Maria Barbara Barbosa de Quadros.

— Tambem se acha entre nós, de regresso de Lisboa, o nosso illustre conterraneo snr. Major Anthero de Carvalho Magalhães.

— Regressou ante-hontem da sua digressão o nosso bom amigo José Augusto Amaral.

## Novo administrador

Com o advento do novo governo, foi nomeado administrador d'este concelho o snr. Isaac Julio Fonseca da Silveira, pharmaceutico d'esta villa.

Como homem é boa pessoa; veremos agora o que será como auctoridade.

## Principio d'incendio

Cerca d'uma hora da tarde de terça-feira manifestou-se principio d'incendio n'um predio da rua do Lamarão, o qual foi extinto muito antes das torres darem o signal d'alarme.

## Hotel e Café Cerveira

Reabriu no primeiro de julho na praia do Furadouro este antigo e acreditado estabelecimento, o qual continua a ser gerido pela Viuva Cerveira.

Instalado no ponto mais central da praia, n'esse hotel encontrarão os banhistas as mesmas commodidades e asseio, ao par d'uma relativa modicidade de preços.

Que a presente epocha balnear lhe seja prospera, são os nossos desejos.

## Sem Rei nem Roque

Segunda-feira passou aqui em direcção ao Porto uma bateria d'artilharia. Acampou n'um pinhal junto aos Pellames, pertencente aos herdeiros do Abbade Camossa, causando grandes destroços no predio os muares que a compunham. Os donos do predio, ao que nos consta, reclamaram perante as instancias superiores contra semelhante abuso.

Mais: Um dos muares morreu na rua dos Ferradores e lá o deixaram sem a menor contemplação pelo povoado, todo o dia de segunda-feira.

O snr. sub-delegado de saude, tendo conhecimento do caso, procurou terça-feira na administração do concelho e camara municipal quem ordenasse a remoção e enterramento d'azemula, já em principio de decomposição. Mas como nem administrador nem presidente da camara ou quem suas vezes fizesse encontrasse na terra, lá continuou permanecendo o animal durante a terça-feira aos ardores do sol. Vergonhoso tudo isto!

## Chiqueiro

Está n'isto transformado o edificio dos paços do concelho, para honra e elogio da municipalidade que nos rege.

Basta entrar no edificio para se aquilatar que o desleixo, a incuria da camara corresponde a porcaria que logo no atrio se encontra. Alli ha annos que não se viu agua e se passam semanas sem vassoura. O lixo é aos montes.

E então nos urinoes e retretes! . . .

Isso é que é uma nojeira, uma immundicie.

E n'aquella casa se encontram os pobres doentes do hospital!

Com vista ao snr. presidente.

## O Veiga de Vallega

Está instaurado processo em juizo contra este ex-regedor e juiz de paz de Vallega, por permittir com assistencia sua, jogos d'azar n'aquella freguezia.

# INDICAÇÕES PARA TODOS

## Commercio

(Noticias da ultima semana)

**CAMBIOS**  
**No Porto:** valor da libra, ouro, de 4\$960 a 5\$000 rs. Valor da libra, papel, de 4\$935 a 4\$960 réis.  
**No Brazil:** cambio—15 1/4 — Londres, valor da libra, 15\$737 réis.  
 Custando no Brazil uma libra 15\$737 réis, produz em Portugal, ao cambio de 48 5/8—4\$940 réis.  
 Cada 100\$000 réis brasileiros, a esta taxa, produzem 32\$000 réis, moeda portuguesa.

## Preços dos generos

No nosso mercado

**SETUBAL**

Arroz: 1.ª qual., 15 k. 1\$400 rs.  
 » 2.ª » 15 » 1\$350 »

**BAIRRADA**

» 1.ª qual., 15 k. 1\$300 »  
 » 2.ª » 15 » 1\$250 »  
 » 3.ª » 15 » 1\$200 »

Batatas, 15 kilos..... 400 »  
 Centeio, 20 litros..... 740 »  
 Fava, 20 litros..... 750 »  
 Farinha de milho, 20 l. 840 »  
 » trigo, 1.ª qual. kilo. 103 »  
 » 2.ª » » 93 »  
 » cabecinha » 62 »  
 » semente super fina » 40 »  
 » grossa..... 38 »

Feijão vermelho, 20 lit. 1\$280 »  
 » branco, 20 » 1\$220 »  
 » mistura, 20 » 960 »  
 » amarelo, 20 » 800 »

Milho branco, 20 » 700 »  
 » amarelo, 20 » 700 »

Ovos, duzia..... 140 »  
 Tremoço, 20 litros.... 380 »  
 Azeite, 1.ª qual., litro. 300 »  
 » 2.ª » » 270 »  
 » 3.ª » » 260 »

Alcool puro, 26 litros. 6\$500 »  
 Aguard. de vinho, 26 l. 3\$380 »  
 » bagaceira, 26 litros. 2\$730 »  
 » figo, 26 litros... 1\$950 »  
 Geropiga fina, 26 litros 2\$080 »  
 » baixa, 26 » 1\$430 »

Vinho tinto, 26 litros. 700 »  
 » branco, 26 » 800 »  
 » verde, 26 » 800 »

Vinagre tinto, 26 » 600 »  
 » branco, 26 » 800 »

## No Furadouro

### EMPREZAS DE PESCA

«Companha Boa Esperança», «Companha de Espinho», «Companha do Socorro», «Companha S. José», «Companha S. Pedro».

## Correio

Aberto todos os dias das 8 horas da manhã ás 9 da noite, excepto aos domingos, que fecha á 1 hora da tarde.

Registos e Vales até ás 5 horas da tarde.

Expede as malas para o Norte pelo comboio das 6,23 da manhã e 6,23 da tarde e para o Sul pelo das 7,52 da manhã e 10,13 da noite.

Continente, Ilhas, Africa e Hespânia

Cartas (sem limite de peso ou volume), cada 20 gr. ou fracção, Portugal e colonias..... 25 réis  
 Idem (idem, idem), cada 15 gr., ou fracção para Hespânia..... 25 réis  
 Jornaes (peso maximo 2:000 gr.) cada 50 gr. ou fracção..... 2 1/2 rs.  
 Impressos (peso maximo

2:000 gr.) cada 50 gr. ou fracção..... 5 réis  
 Manuscriptos (sem limite de peso ou volume)—Até 250 gr..... 25 réis  
 Cada 50 gr. mais ou fracção..... 5 réis  
 Amostras sem valor (peso maximo 250 gr.; dimensões 30 cm. de comprimento), cada 50 gr. ou fracção..... 5 réis  
 Brazil e mais paizes estrangeiros, excepto Hespânia

Cartas, até 20 gr..... 50 réis  
 » cada 20 gr. ou fracção 30 »  
 Bilhetes postaes: cada..... 20 »  
 Jornaes e impressos (peso maximo 2:000 gr.) cada 50 gr. ou fracção..... 10 réis  
 Jornaes para o Brazil, cada 50 gr. ou fracção..... 5 réis  
 Avisos de recepção—Cada um..... 50 réis

Registo—50 réis, além do porte, por cada objecto.  
 Cartas com valor declarado—Premio do seguro, além do porte e premio do registo da carta: Continente, Ilhas e Ultramar, 20 réis por cada 20\$000 réis ou fracção.  
 Encomendas postaes—Volume maximo 25 decimetros cubicos, não podendo o seu comprimento ser superior a 60 centimetros, nem inferior a 10 centimetros.—Portugal (Continente e Ilhas) 200 réis até 3 kil; 250 réis até 4 kil; 300 réis até 5 kilos; (Africa) 400 réis 5 kil.  
 Vales do correio—Portugal (Continente e Ilhas), 25 réis por 5\$000 réis ou fracção. Limite 500\$000 réis, 200\$000 rs., 100\$000 réis, conforme houverem de ser pagos nas sedes de districto, de comarca ou concelho.—Possesões portuguezas, 150 réis por 5\$000 réis ou fracção.  
 Os vales nacionaes teem o sello correspondente á quantia por que forem emitidos.  
 Telegrammas—Para o continente do paiz, 10 réis por palavra e 50 réis de taxa fixa.

## Lei do Sello

**RECIBOS PARTICULARES**

De 1\$000 réis até 10\$000 réis. 10  
 » 10\$001 » » 50\$000 » 20  
 » 50\$001 » » 100\$000 » 30  
 » 100\$001 » » 250\$000 » 50  
 Cada 250\$000 réis a mais ou fracção..... 50  
 Valor não conhecido ou declarado..... 500  
 Cheques ao portador..... 20

**LETRAS DE CAMBIO**

Sendo á vista e até 8 dias

De 1\$000 réis até 20\$000 réis. 20  
 » 20\$001 » » 50\$000 » 50  
 » 50\$001 » » 250\$000 » 100  
 Cada 250\$000 réis a mais ou fracção..... 100

A mais de 8 dias de praso

De 1\$000 réis até 20\$000 réis. 20  
 » 20\$001 » » 40\$000 » 40  
 » 40\$001 » » 60\$000 » 60  
 » 60\$001 » » 80\$000 » 80  
 » 80\$001 » » 100\$000 » 100  
 Cada 100\$000 réis a mais ou fracção..... 100

Sacadas no ultramar e no estrangeiro e pagaveis em Portugal

De 1\$000 réis até 20\$000 réis. 20  
 » 20\$001 » » 100\$000 » 100  
 Cada 100\$000 réis a mais ou fracção..... 100

**Associação dos Bombeiros Voluntarios**  
 Presidente da direcção—Dr. Antonio dos Santos Sobera.  
 Thesoureiro—Dr. Antonio d'Oliveira Desalço Coentro.  
 Commandante—Dr. Joaquim Soares Pinto.

## Toques de incendio

Ruas da Praça—Graça—S. Thomé—Ribas—Areal—Neves e Sant'Anna..... 4 Badaladas  
 Bairro dos Campos—Ruas do Loureiro—S. Bartholomeu e Lavradores..... 5 »  
 Ruas das Figueiras—Outeiro—Fonte—Oliveirinha—Lamarão e Motta..... 6 »  
 Bairro d'Arruela até á Poça..... 7 »  
 Ruas do Bajunco—S. Miguel—Lagôa—Nova—Velha—Pinheiro e Brejo..... 8 »  
 Ponte Nova—Ponte Reada e Soberal..... 9 »  
 Estação Pellames..... 10 »  
 Estação—Cima de Villa e logares vizinhos..... 11 »  
 Ribeira..... 12 »  
 Assões—Granja e Guilhovae..... 13 »  
 Furadouro..... 14 »

## Para cessar—3 badaladas

**Associação de Socorros Mutuos**  
 Presidente da direcção—Dr. João Maria Lopes.  
 Thesoureiro—Manoel José dos Santos Anselmo.  
 Cartorario—Manoel Augusto Nunes Branco.  
 Medico—Dr. Salviano Pereira da Cunha.  
 Esta associação tem por fim exclusivo socorrer os socios doentes ou temporariamente impossibilitados de trabalhar e concorrer para o funeral do associado que fallecer.  
 Bibliotheca Escolar  
 Aberta das 9 horas da manhã ás 2 da tarde, nos mezes de Maio a Setembro, e das 6

ás 9 da noite, nos mezes de Outubro a Abril.  
 Nos Domingos e dias Santificados estará aberta só de noite.

## Comissão de Beneficencia Escolar

Presidente—Dr. Pedro Virgolino Ferraz Chaves.  
 Secretaria—D. Gracinda Augusta Marques dos Santos.  
 Thesoureiro—Dr. João Maria Lopes.

## Armazens de Vinhos

Afonso José Martins.  
 Antonio da Silva Brandão Junior.  
 Carreiras & Filho, Successor.  
 Manoel Ferreira Dias.  
 Manoel Soares Pinto.

## Agentes Bancarios

João José Alves Cerqueira, do Banco Commercial de Lisboa.  
 João da Silva Ferreira, de Joaquim Pinto Leite e Pinto da Fonseca & Irmão.  
 Joaquim Ferreira da Silva, dos Bancos: Alliança, Minho e Commercial do Porto.  
 Viuva de José Maria Pereira dos Santos, do Banco de Portugal.

## Agentes de Seguros

Carreiras & Filho, Successor, da Companhia Portugal.  
 João José Alves Cerqueira, das Companhias Indemnizadora e Probidade.  
 João da Silva Ferreira, da Companhia Garantia.  
 Joaquim Ferreira da Silva, das Companhias Fidelidade e Union y el Fenix Hespagnol.  
 José Luiz da Silva Cerqueira, da Companhia Internacional.

## Constructores de Fragatas

João d'Oliveira Gomes, João de Oliveira Gomes Silvestre.

## Depositos de Azeite

Afonso José Martins, José Ferreira Malaquias, José Rodrigues de Figueiredo, Manoel Valente de Almeida.

## Exportadores de Sardinha

Antonio Augusto Fragateiro, Joaquim Valente d'Almeida.

## Fabricas

A Varina (conservas alimenticias)—Ferreira, Brandão & C.ª, Moagem de Cereaes—Soares Pinto & C.ª, Limitada, Ceramica—Peixoto, Ribeiro & C.ª

## Hoteis e Hospedarias

Cadete—Estação, Canastreiro—Rua de St.ª Anna, Central—Rua da Praça, Cerveira—Furadouro, Jeronymo—Largo do Chafariz.

## Lojas de Fazendas

João Alves—Praça, João Costa—Praça, José Garrido—Rua dos Campos.

## Mercearias

Francisco de Mattos—Praça, José Gomes Ramillo—Rua do Bajunco, Viuva Cerveira—Praça, Manoel Valente d'Almeida—Praça, Pinho & Irmão—Praça, Viuva de José de Mattos—Poça, Viuva Salvador—Largo do Chafariz, Tarujo e Laranjeira, Rua da Graça.

## Negociantes de Cereaes

Domingos da Fonseca Soares, Francisco Correia Dias, Manoel da Silva Bonifacio & C.ª, Salvador & Irmão.

## Padarias

A Panificadora, Carlota, Ovarense, Patria.

## Recebedoria

Recebedor—Antonio Valente Campadre.  
 Aberta todos os dias uteis, das 9 horas da manhã ás 3 da tarde.

## Tanoaria

Carreiras—Rua das Figueiras.

## Vendedores de Cal

Manoel da Cunha e Silva, Manoel d'Oliveira da Cunha.

# Horario dos comboios

DESDE 15 DE MAIO DE 1910

## DO PORTO A OVAR E AVEIRO

Estações	Tr.	Tr.	Om.	Tr.	Rap.	Tr.	Tr.	Tr.	Exp.	Mix.	Rap.	Tr.	Tr.	Cor.
S. Bento	4,45	5,19	6,35	7	8,50	9,39	11,20	2,14	3,6	—	5	5,10	6,26	8,45
Campanhã	4,25	5,30	6,50	7,10	9	9,55	11,31	2,25	3,3	3,52	5,10	5,20	6,35	9,5
Gaya	4,38	5,43	7,1	7,22	9,11	10,14	11,45	2,39	3,41	4,29	5,21	5,29	6,47	9,24
Valladares	4,49	5,54	7,9	7,33	—	10,25	11,57	2,51	3,49	4,44	—	—	6,58	9,34
Granja	5,4	6,9	7,19	7,48	0,23	10,43	12,14	3,4	4,5	5,7	5,33	5,47	7,13	9,42
Espinho	5,12	6,17	7,27	7,56	9,29	10,49	12,23	3,8	3,58	4,50	5,39	5,56	7,21	9,55
Esmoriz	5,23	6,31	7,35	8,9	—	11,2	12,36	3,29	4,13	—	—	—	6,17	7,40
Cortegaça	5,31	6,35	—	8,14	—	—	12,41	3,34	—	—	—	—	6,22	7,45
Carvalheira	5,36	6,41	—	8,29	—	11,11	12,45	3,49	4,31	6,2	—	—	6,34	7,55
OVAR	5,47	6,51	7,51	8,31	—	11,22	12,57	3,56	—	—	—	—	6,40	—
Vallega	5,51	—	—	8,37	—	11,29	14	4,1	—	—	—	—	6,46	—
Avanca	6,1	—	8,1	8,42	—	11,35	14,1	4,1	—	—	—	—	7,1	—
Estarreja	6,13	—	8,13	8,55	—	11,49	14,22	4,14	4,5	6,36	—	—	7,1	10,45
Aveiro	6,4	—	8,37	9,21	10,5	12,13	14,8	4,4	5,11	7,12	6,44	7,27	—	11,10

## DE AVEIRO E OVAR AO PORTO

Estações	Tr.	Cor.	Tr.	Tr.	Mix.	Tr.	Tr.	Rap.	Tr.	Mix.	Tr.	Tr.	Rap.	Om.
Aveiro	3,54	5,7	—	7,12	8,20	9,50	11,21	2,5	2,20	5,37	6	—	9,57	10,28
Estarreja	4,25	5,30	—	7,42	9,10	10,20	11,49	—	2,50	5,58	6,30	—	—	10,53
Avanca	4,36	—	—	7,53	—	10,31	12	—	3,1	—	6,41	—	—	—
Vallga	4,42	—	—	7,59	—	10,37	12,7	—	3,7	—	6,47	—	—	—
OVAR	4,50	5,52	7,20	8,6	9,55	10,44	12,15	—	3,14	6,17	6,54	8,30	—	11,12
Carvalheira	5	—	7,31	8,17	—	10,55	12,26	—	3,25	—	7,5	8,41	—	—
Cortegaça	5,6	—	7,36	8,22	—	10,59	12,31	—	3,30	—	7,10	8,46	—	—
Esmoriz	5,12	6,5	7,41	8,27	—	11,5	12,36	—	3,35	6,32	7,15	8,52	—	11,27
Espinho	5,29	6,17	7,58	8,43	10,25	11,21	12,51	2,39	3,50	6,45	7,30	9,10	10,36	11,36
Granja	5,35	6,26	8,4	8,49	10,42	11,17	12,58	2,45	3,56	6,52	7,36	9,16	10,42	11,40
Valladares	5,54	6,38	8,23	—	11,4	11,45	1,13	—	4,13	7,6	7,53	9,33	—	11,54
Gaya	6,12	7	8,39	9,0	12,12	12	—	3	4,26	7,27	8,8	9,48	10,59	12,7
Campanhã	6,23	7,11	8,50	9,18	12,26	12,10	1,45	—	3,8	4,37	7,41	8,19	9,59	11,7
S. Bento	6,34	7,31	9,2	9,32	—	12,22	1,57	—	3,18	4,47	7,55	8,27	10,8	12,36